

A CONDIÇÃO SOCIAL DE DOIS JOVENS NÃO BINÁRIOS DA ESCOLA REGINA SIMÕES¹

Antonio Jorge Cruz Mota²

RESUMO

O presente artigo visa fazer um levantamento dos principais fatores que interferem na vida dos jovens e sua condição juvenil em uma determinada escola. Para isso, utilizamos como fundamentação teórica o pensamento de Juarez Dayrell e fizemos uma pesquisa de tipo quali-quantitativa utilizando a metodologia da entrevista semiestruturada para fazer um levantamento da condição dos estudantes da Escola Regina Simões, situado na região metropolitana de Salvador. A partir desta análise pudemos chegar a um entendimento dos principais fatores que determinam a condição destes jovens estudantes. Fatores como cor de pele, situação social e econômica pode influenciar a condição destes jovens proporcionando modelos diferenciados de juventudes. Tais modelos, devem ser levados em consideração na construção do currículo e demais atividades propostas no ambiente escolar para que possamos fazer da escola um espaço de garantia dos direitos humanos básicos enquanto jovens.

Palavras-chave: Escola Regina Simões - Estudos de caso. Jovens - Salvador (BA) - Condições sociais.

ABSTRACT

This article aims to survey the main factors that interfere in the lives of young people and their youth condition in a particular school. For this, we used the thinking of Juarez Dayrell as a theoretical basis and we carried out a qualitative-quantitative research using the methodology of semi-structured interviews to survey the condition of students at Escola Regina Simões, located in the metropolitan region of Salvador. From this analysis we were able to reach an understanding of the main factors that determine the condition of these young students. Factors such as skin color, social and economic situation can influence the condition of these young people, providing different models of youth. Such models must be taken into account in the construction of the curriculum and other activities proposed in the school environment so that we can make the school a space for guaranteeing basic human rights while young people.

Keywords: Regina Simões School - Case studies. Young people - Salvador (BA) - Social conditions.

¹ Trabalho de conclusão de curso, apresentado ao curso de Especialização em Gênero, Diversidade e Direitos Humanos, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), sob a orientação da Prof.^a M.^a Núbia dos Reis Pinto.

² Graduado em Filosofia pela Faculdade São Bento da Bahia - FSBB; Especialização Interdisciplinar em Humanidades e Estudos Sociais pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB e em Práticas Assertivas da Educação Profissional Integrada a Educação de Jovens e Adultos pelo Instituto Federal do Rio Grande do Norte - IFRN. Pós-graduando em Gênero, Diversidade e Direitos Humanos pela UNILAB.

1 INTRODUÇÃO

Tomando como ponto de partida que não podemos falar de uma juventude no sentido abstrato, como se todos fossem iguais, assumimos aqui a responsabilidade de investigar a condição juvenil de um grupo específico para que a escola possa ser um lugar de acolhimento e diálogo com os jovens que frequentam seu espaço. Para isso, vamos analisar quais as condições juvenis que se impõem a estes jovens e tentar entender os fatores determinantes que precisam ser ressaltados.

A condição juvenil é algo primordial para entender as necessidades dos jovens. Quando não entendemos em que situação estes se encontram e como chegam à escola é quase impossível atender seus anseios e garantir seus direitos básicos. Por conta disso, este trabalho visa investigar as principais condições determinantes que se impõem sobre os jovens da Escola Estadual Regina Simões, na cidade de Simões Filho, região metropolitana de Salvador. Vamos trabalhar com o grupo específico do Ensino Médio diurno que engloba, na maioria, jovens entre 14 e 18 anos. Não colocamos aqui os estudantes do noturno por entender que são públicos distintos, com idades distintas e a condição juvenil pode ser diferente.

Relacionar juventude e direitos humanos é entender que estes são sujeitos reais, que possuem características próprias e que precisam ser levados em conta na construção de políticas públicas específicas. Contudo, como estamos falando de sujeitos marcados pela heterogeneidade, é fundamental conhecer a realidade determinante de cada jovem (condição juvenil) para que possamos garantir os direitos básicos referente a esse grupo.

Quando falamos de condição juvenil estamos tratando de várias questões determinantes que influenciam a vida dos jovens e os tornam reféns da realidade que estão inseridos. Fatores como a cor de pele, a condição econômica, os estereótipos sobre a juventude e tantas outras questões podem se tornar um problema para que os direitos básicos dos jovens sejam garantidos. Com isso, para que a escola possa oferecer uma educação preocupada com a realidade dos alunos, precisamos considerar estes jovens como sujeitos, carregados de direitos básicos e que sofrem com condições externas que se impõem.

As novas diretrizes curriculares buscam dialogar com a realidade do aluno e isso é um grande avanço neste processo de escuta e aproximação da escola com a juventude. Contudo, se não investigamos a condição em que nossos jovens se encontram dentro da realidade escolar esse processo de contextualização do currículo se torna ainda mais distante. É por conta disso que levantamos quais são as condições preponderantes que se impõem sobre a juventude da

Escola Regina Simões no que tange a cor, a condição econômica e social e sua relação com a escola.

Para obter estes dados utilizamos a metodologia de caráter quali-quantitativo onde criamos entrevistas semiestruturadas para captar dos estudantes sua visão sobre a escola e algumas características que os determinam. Como delimitação de um grupo específico, entrevistamos alunos do Ensino Médio da Escola Estadual Regina Simões que se encontram entre 14 e 18 anos do período diurno.

Na nossa análise, começamos conceituando a ideia de condição juvenil segundo o pensamento de Jearez Dayrell. Ao mesmo tempo, relacionamos esta ideia com o que a Base Nacional Comum Curricular afirma sobre a juventude. Esta relação é importante porque a BNCC nos dá subsídio para um modelo de educação onde conhecer a condição dos jovens que trabalhamos é fator determinante para construção dos nossos currículos. Da mesma forma, inserimos o debate sobre a condição juvenil no que tange aos direitos humanos e a construção de políticas públicas. Não estamos falando de sujeitos abstratos, mas de jovens que possuem direitos básicos garantidos nos tratados internacionais e na nossa constituição.

Logo após esta conceituação foi necessário mostrar um pouco da relação que o jovem tem com a escola para fazer uma analogia com os dados obtidos nas entrevistas. A escola é o espaço onde o estudante passa boa parte da sua juventude. É necessário que ela atenda seus anseios na busca de formar e também oferecer suporte aos problemas que cada condição juvenil possui, pois não podemos somente pensar que o papel da escola é formar estritamente no universo científico. É preciso buscar alternativas para tornar a escola um espaço de acolhimento e diálogo com o mundo juvenil e sua formação integral. Porém, para isso, precisamos conhecer a realidade dos jovens que chegam à escola.

Por fim, fizemos um pequeno esboço de como as condições juvenis dos estudantes da Escola Regina Simões se encontram e relacionamos esta realidade com o pensamento de Dayrell. A análise dos dados foi construída a partir de entrevistas respondidas no mês de novembro com estudantes oriundos do Ensino Médio. Através delas, chegamos a algumas conclusões importantes sobre a condição econômica dos estudantes, os principais problemas vividos por estes jovens na escola e podemos entender um pouco mais do público que estamos trabalhando.

Algumas informações que não eram nosso objeto de interesse acabaram se sobressaindo durante a entrevista. Estamos vivendo em um período de pandemia e a internet tem sido uma aliada neste processo. Nesse sentido, todos os jovens que participaram das aulas no mês de novembro responderam a entrevista, mas os números mostram que estes não correspondem nem

a metade dos alunos matriculados. Aqui ficou um espaço de investigação aberto para entender como a pandemia é outro fator de imposição a condição dos nossos jovens, pois esta excluiu muitos estudantes do “espaço escola” virtual.

2 BNCC, JUVENTUDE(S) E CONDIÇÃO JUVENIL

Falar de juventude é algo muito complexo por não se tratar de um processo estático e abstrato. Os jovens são diferentes nos gostos, no modo de vida, nas relações e um entendimento único sobre esta realidade não corresponde ao que este grupo representa. Por conta disso, tivemos formas diferentes de entender a juventude ao longo da história e isso provocou modelos de interpretação variado sobre esta realidade.

Podemos destacar aqui uma interpretação de caráter transitório que via a juventude como uma fase, um processo de passagem para a vida adulta e não como uma coisa em si mesma. Esse modo de ver a realidade tutela os jovens e impede que os vejamos como sujeitos individuais que possuem direitos e precisam ser entendidos e atendidos na sua especificidade. Isso coloca a juventude como um processo transitório onde sua realização plena só se dá na fase adulta. Desta forma, o jovem acaba não sendo detentor de direito, pois não é visto como sujeito. Segundo Dayrell (2014), pensar o jovem nessa condição “é destituí-lo de sua identidade no presente em função da imagem que projetamos para ele no futuro” (p. 106).

Quando analisamos a realidade desta forma não vemos as necessidades dos jovens como uma prioridade. Se as juventudes são todas iguais, as leis, os direitos básicos e até a escola não precisam se moldar a cada realidade. O currículo escolar pode ser visto de forma universal e homogênea para este público, pois não existe sujeitos, apenas uma ideia abstrata do que é ser jovem.

Partiremos de um entendimento mais complexo em relação a juventude para entender nosso objeto de pesquisa. Esse outro modo de ver uma mesma realidade tenta colocar a juventude como uma fase em si que possui sujeitos detentores de direitos próprios e específicos. Eles precisam ser entendidos como protagonistas e devem ser atendidos segundo a sua complexidade e demais condições que o determinam.

A cor, a condição econômica, o gênero, a região onde moram, o modo como se relacionam com os espaços, os principais problemas vividos na escola, são exemplos da condição juvenil que determina a vida dos jovens. Garantir os direitos básicos deste público começa pelo entendimento da condição juvenil que se impõem, pois só assim podemos oferecer

políticas públicas mais efetivas e um processo educativo mais próximo. Da mesma forma, a escola só será capaz de dialogar com este público entendendo os fatores que influenciam sua condição.

Abordar este tema é contextualizar o grupo ao qual estamos falando e alguns fatores que podem determinar suas condições. Quando analisamos os jovens dentro de um conceito único, corremos o risco de vê-los como seres abstratos. A condição social, econômica, regional e tantos outros fatores que podem ser determinantes na construção de entendimento sobre a realidade vivida pelos jovens e suas influências precisam ser levadas em consideração. Este é um dos motivos pelo qual não falamos de uma única juventude, mas de juventudes, pois jovens da mesma faixa etária possuem características determinantes diferentes.

Dessa forma, estamos falando de juventudes dentro de um espaço específico que é a escola, em uma cidade específica que fica na região nordeste. Os fatores sociais e econômicos presentes nestas realidades serão determinantes na condição juvenil destes estudantes. Entendê-los é uma das formas de aproximar a escola das necessidades dos estudantes e garantir seus direitos básicos.

Outra questão que precisa ser levada em consideração é a noção de faixa etária. Delimitar uma idade para considerar alguém jovem é tutelá-lo. Segundo Dayrell (2014)

A definição de juventude por idade encontra elementos objetivos no aspecto da maturidade biológica e sua delimitação se reverte de importância para as políticas públicas notadamente quando se pensa em contagem de população, definição de políticas e recursos orçamentários. Compreender os jovens apenas pelo fator idade, contudo, seria simplificar uma realidade complexa que envolve elementos relacionados aos campos simbólicos e culturais e aos condicionantes econômicos e sociais que estruturam a sociedade (p.110).

É por conta destes fatores que colocamos no título a palavra juventudes no plural, pois analisar a condição do jovem negro de periferia é diferente de analisar a condição do jovem branco de classe média, mesmo se tratando da mesma faixa etária. Os direitos básicos de um jovem podem ser diferentes a depender do gênero, da raça, da condição econômica e social e demais fatores que são determinantes na construção de vida destes sujeitos.

Esse modo de análise está de acordo com o pensamento de Dayrell (2003) quando este afirma que o

entendemos a juventude como parte de um processo mais amplo de constituição de sujeitos, mas que tem especificidades que marcam a vida de cada um. A juventude constitui um momento determinado, mas não se reduz a uma passagem; ela assume uma importância em si mesma. Todo esse processo é influenciado pelo meio social

concreto no qual se desenvolve e pela qualidade das trocas que este proporciona (p. 42).

É por conta de características como essas que devemos considerar a juventude como um processo em si e que possui sua especificidade. Esse modo de ver a realidade considera o jovem como sujeito que se constitui detentor de direitos próprios e que deve ser visto na sua individualidade como parte da sociedade.

Já que não estamos falando de um processo de passagem, mas algo em si (juventude), não vamos falar de uma juventude abstrata, mas de jovens da Escola Estadual Regina Simões em Simões Filho, região metropolitana de Salvador que, por fatores outros, não podem ser colocados dentro de um mesmo campo conceitual ou etário de outros jovens. Questionar a realidade desses jovens, investigar as características que determinam sua condição e analisar as influências condicionais que os posicionam socialmente na escola onde estudam é o primeiro passo para garantir seus direitos.

Analisar a situação do jovem de Simões Filho como sujeitos que produzem uma história, que refletem sobre a realidade e que precisam de currículos escolares próprias para indivíduos que são únicos, é um primeiro passo para garantia de direitos básicos e específicos. Isso influencia também o que tange a educação, pois se não estamos investigando uma ideia universal de juventude, nossa concepção sobre a forma como construímos os currículos para estes jovens precisa ser mais específica.

É a partir desta análise que investigamos alguns aspectos da condição juvenil dos estudantes de Simões Filho para que a escola se torne um espaço reflexão sobre os direitos com um currículo pertinente à sua formação/condição. Se a realidade do jovem estudante de Simões Filho não é a mesma, a prioridade do que é mais ou menos importante no currículo precisa ser muito bem selecionado para não tornarmos a educação uma reprodução homogeneizante. Isso distancia a formação das necessidades dos estudantes e torna o reconhecimento dos seus direitos mais distante.

A Base Nacional Comum Curricular surge como complemento a esta demanda, pois tem o objetivo de oferecer um currículo mais específico para cada realidade a partir de competências que são universais. A ideia deste documento norteador para os currículos da educação básica é que possamos contextualizar os conteúdos de acordo com a especificidade de cada região e as necessidades de seu público sem deixar de lado competências comuns a todos os estudantes.

A BNCC trouxe uma nova perspectiva para educação básica, pois selecionou competências gerais que passam a ser comuns para todos os alunos, independentemente do tipo de escola ou da região a que pertencem. Essa mudança atinge em cheio o currículo voltado para

cada condição juvenil, pois agora precisará ser construído tendo como base as competências gerais da BNCC e, ao mesmo tempo, deve atender as necessidades da realidade do aluno.

O próprio documento da BNCC está de acordo com esta ideia quando afirma que ela

se refere à construção intencional de processos educativos que promovam aprendizagens sintonizadas com as necessidades, as possibilidades e os interesses dos estudantes e, também, com os desafios da sociedade contemporânea. Isso supõe considerar as diferentes infâncias e juventudes, as diversas culturas juvenis e seu potencial de criar formas de existir. (p. 14)

É por conta disso que investigamos a condição juvenil destes estudantes, pois esta realidade se torna um fator determinante para oferecer uma educação emancipadora onde os sujeitos possam reconhecer e lutar por seus direitos. Este novo modelo de educação pós BNCC, pautado em competências universais e que possui um currículo que atenda a necessidade de cada estudante, está totalmente de acordo com essa ideia de condições juvenis variadas.

3 CONDIÇÃO JUVENIL E DIREITOS HUMANOS

Pensar o jovem na sua individualidade é o primeiro processo para garantir direitos básicos relacionado à sua condição. para , pois segundo Barrientos-Parra (2004)

Alguns argumentam que direitos deveriam ser atribuídos somente a situações humanas permanentes como: gênero, raça e portadores de necessidades especiais. Entretanto, se isso fosse verdade, negaríamos os direitos da criança e do adolescente, dos idosos e do nascituro, o que seria uma aberração moral e jurídica, por isso afirmamos veementemente que, sendo o jovem uma pessoa, é capaz de direitos e deveres na ordem civil (p. 133)

4 A RELAÇÃO DA ESCOLA COM A(S) JUVENTUDE(S)

Antes de partirmos para uma análise detalhada dos dados que foram gerados a partir do recorte feito e das entrevistas aplicadas, é necessário falar da relação entre as juventudes e a escola. Como estamos falando de jovens em idade escolar e a finalidade deste artigo é entender a condição juvenil no que tange alguns aspectos da sua realidade, não podemos deixar de destacar a relação que a escola possui com estes sujeitos.

A partir das análises feitas anteriormente, podemos inferir que se a escola almeja dialogar com a(s) juventude(s) é fundamental conhecê-la(s). Quanto mais distante a escola se

colocar, mais os jovens não encontrarão nela uma referência. Não adianta produzir os dados propostos e a relação do jovem com a escola continuar sendo de tutela. Com isso, é preciso conhecer o público que estamos lidando, suas necessidades e demais condições para que possamos oferecer uma educação mais completa que emancipe e torne o jovem protagonista.

No que tange as competências, já entendemos que elas podem ser as mesmas, mas as abordagens e as necessidades de enfoque precisam atender as demandas dos jovens que estão na escola. A BNCC abriu o caminho para que possamos oferecer um currículo enraizado com a realidade e isso aproxima a escola das juventudes. Contudo, é fundamental também abrir novos padrões de relação dando ao jovem mais participação e protagonismo no ambiente escolar.

No livro “Juventude e Ensino Médio” os autores Juarez Dayrell e Paulo Carrano nos mostram como precisamos fazer da escola um espaço de diálogo com essa juventude que é tão heterogênea e precisa de um olhar mais atento se queremos oferecer uma formação mais completa. Para eles

Por em prática as determinações das novas diretrizes curriculares significa, de fato, desenvolver um trabalho de formação humana que contemple a totalidade dos nossos jovens estudantes. Nossas realizações como docente passam pelo conhecimento amplo sobre eles e elas. É a realização de um preceito básico da antropologia: se queremos compreender, é necessário conhecer. E, desta forma, reconhecer experiências, saberes e identidades culturais é condição para o relacionamento e o diálogo (p. 103).

A escola é um espaço onde a juventude se relaciona, encontra seus semelhantes e é ela que precisa oferecer as condições necessárias para realização de todos os seus interesses e suas necessidades. Diante da pesquisa feita com os estudantes da Escola Regina Simões, mais de 50% dos jovens informaram que, além de estudar, a escola é um espaço de encontro, onde mantém a relação com os amigos e conhecem novas pessoas. Se a escola não se abre a esta realidade, mais distante ela estará dos estudantes, pois quanto mais distante da realidade e das condições que se impõem sobre os jovens, menos interesse estes terão em relação a ela, pois suas demandas não serão atendidas. Proporcionar essa mudança é dar voz aos estudantes, pois, do contrário, continuaremos a tutelá-los.

Este pensamento de que a escola precisa se moldar a realidade do jovem também é compartilhada por Juarez Dairell em seu artigo “A escola faz as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil”. Para ele, é preciso

Uma mudança do eixo de reflexão, passando das instituições educativas para os sujeitos jovens, onde é a escola que tem que ser repensada para responder aos desafios que a juventude nos coloca. Quando o ser humano passa a se colocar novas investigações, a pedagogia e a escola também têm de se interrogar de forma diferente. Nesse sentido, cabe questionar em que medida a escola “faz” a juventude, privilegiando a reflexão sobre as tensões e ambiguidades vivenciadas pelos jovens, ao se constituir como aluno num cotidiano escolar que não leva em conta a sua condição juvenil (p. 1107).

Aqui podemos perceber como o conhecimento sobre a condição juvenil é um fator determinante para oferecermos uma educação que atende a demanda dos nossos jovens. Da mesma forma, podemos concluir desde já que quanto menos a escola dialogar com a realidade dos jovens e suas condições juvenis, mais distante a escola se coloca destes sujeitos.

Para que possamos oferecer esse modelo de educação capaz de dialogar com a realidade dos nossos alunos de Simões Filhos, a escola precisa estar atenta a cada novidade. Se a juventude não é a mesma, o ambiente educacional também não pode ser sempre a mesma. Assim, mesmo levando em consideração as especificidades dos jovens como condição necessária para a oferta de uma educação mais emancipadora para este público, a escola também precisa mudar a cada novo grupo que se forma em seu espaço.

Alguns dados interessantes da nossa pesquisa podem ser levados em consideração para exemplificar esta realidade. Atendemos a um público onde mais de 80% se consideram pretos e pardos. Segundo Silva (2009)

A juventude negra no Brasil enfrenta um importante conjunto de problemas que vem limitando seu acesso a oportunidades sociais, restringindo o desenvolvimento de suas capacidades e as chances de construção de uma trajetória ascendente. Entre os inúmeros dados que evidenciam a configuração de menores oportunidades para a juventude negra no país, pode-se lembrar o fato de os jovens negros estarem sobrerrepresentados no segmento de jovens que não trabalham nem estudam, além de sua inserção no mercado de trabalho estar caracterizada por condições de maior precarização do que a dos jovens brancos (p. 261).

Nesse sentido, precisamos estar atentos às necessidades que os jovens negros sofrem na sociedade. Se a juventude do jovem branco é vivenciada de forma diferente da dos jovens negros, então precisamos levar isso para o currículo e, conseqüentemente, para o ambiente escolar. Um mesmo modelo de educação não servirá para todas as realidades sociais. É desta forma que podemos aproximar a escola da realidade dos nossos estudantes.

Outro elemento importante que determina as condições dos sujeitos que estamos investigando são os estereótipos que estes ainda carregam frente a sociedade e que influencia o ambiente escolar. Não adianta mudar o currículo, os professores adequarem seus conteúdos à cada realidade e a escola continuar tratando este público como indivíduos coadjuvantes.

Durante nossa pesquisa, percebemos que a formação é um fator determinante na relação que o jovem tem com a escola e que a juventude da Escola Regina Simões, na sua maioria, vê o ambiente escolar como um espaço que atende seus anseios. Entretanto, é preciso destacar que existem problemas relacionados ao bullying, racismo, homofobia que foram relatados pelos estudantes. Questões como essas precisam estar presentes nos nossos projetos e demais temas abordados por todos os professores da unidade escolar.

Falar de condição juvenil sem vê-los como sujeitos, como indivíduos que possuem uma identidade e problemas próprios, é favorecer a tutela dos jovens por parte da escola. Não podemos progredir na nossa análise sem antes refletir sobre os estereótipos que determinam ainda hoje nossa visão sobre este grupo.

É uma tendência da escola não considerar os jovens como interlocutores válidos na hora da tomada de decisão importantes para a instituição. Muitas vezes, ele não é chamado para emitir opinião e interferir até mesmo nas questões que dizem respeito a ele diretamente. E isso, sem dúvida, pode ser considerado como um desestímulo à participação e ao protagonismo. (DAYRELL, 2014, p. 106)

Construir um currículo para a Escola Regina Simões é levar em consideração todas estas questões analisadas para que possamos favorecer o protagonismo de nossos estudantes. Quanto menos os ouvimos e tomamos os problemas escolares como abstratos mais nos distanciamos desta juventude que está no ambiente escola. Assim, como não existe uma juventude abstrata também não pode existir um olhar sobre as condições juvenis que sejam abstratas. Os sujeitos que são influenciados pelas condições que se impõem precisam ser ouvidos e atendidos nas suas especificidades.

Esse processo nos ajuda a destituir a ideia de uma juventude como problema, como transitoriedade e passamos a ver as condições juvenis como parte do entendimento da sua realidade. Para que possamos dialogar com estes sujeitos e com sua realidade, é fundamental levar em consideração os aspectos que se impõem sobre a condição destes indivíduos e, além disso, fazer da escola um espaço aberto ao diálogo e ao protagonismo dos jovens.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Por fim, podemos afirmar que os jovens que acessam a escola podem ter idades semelhantes, são influenciados pelos mesmos meios de comunicação e até podem possuir gostos em comum, mas as condições econômicas, de gênero, de raça não são iguais e isso

diferencia a forma como vamos trabalhar com este público. Levar estes aspectos em consideração é uma das formas de ouvir os jovens e considerá-los protagonistas da sua condição histórica.

Com nossa pesquisa conhecemos um pouco da realidade dos jovens da nossa escola. Percebemos se tratar de uma juventude que se declara, na sua maioria, preta ou parda, que sofrem com as condições econômicas precárias e que alguns problemas sociais estão presentes no espaço escola: é o exemplo do bullying, do racismo e da homofobia. Alguns deste com maior incidência, é o caso do bullying e outros com uma menor quantidade de casos (racismo e homofobia). Contudo, não podemos fechar os olhos para os problemas vividos por estes jovens.

Outra questão muito importante que pode ser destacada a partir das análises feitas é a relação que nossos jovens têm com a escola. Esta é vista como um espaço de formação, mas também de relação social, de encontro com os amigos e de construção de novas amizades. A escola precisa estar atenta a estas realidades para que possa dialogar com os jovens, proporcionar meios de convivência e fazer do espaço escolar um lugar que represente os anseios dos jovens que atende.

Com isso, é possível perceber que não só o currículo precisa dialogar com a realidade dos nossos estudantes. Precisamos construir espaços de convivência, de relações e de diálogo. Não podemos ver o espaço escolar como um ambiente único e exclusivo para a formação científica. É necessário construir meios de relações para que possamos dialogar com a realidade juvenil dos nossos estudantes.

Por fim, é necessário destacar um dado que foi obtido após a aplicação do questionário. Por conta da pandemia as aulas estão sendo no formato híbrido/online. Os estudantes não vão para a escola todos os dias e a internet tem sido o meio pelo qual o professor mantém o contato com os alunos por meio de atividades, provas e outras necessidade. Contudo, foi possível perceber que não estamos atendendo a todos os estudantes, pois aqueles que participam das aulas e responderam o questionário não correspondem nem 50% dos estudantes matriculados no Ensino Médio. A ausência destes alunos pode representar a forma como a pandemia e o modelo adotado pela secretaria de educação estão distanciando muitos estudantes.

Assim, antes mesmo de propor qualquer alteração no modelo de educação ou na mudança dos currículos precisamos ouvir nossos jovens estudantes. A escola foi feita para eles e esta é um espaço necessário para construção e afirmação de sua juventude. Não podemos propor mudanças drásticas no rumo da educação ou no currículo sem antes conhecer o público que estamos lidando e as condições que determinam sua realidade.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante perceber como não podemos olhar para os jovens como iguais. A condição juvenil é um fator determinante para saber como cada grupo vive sua juventude. A cor de pele, a condição econômica, as determinações regionais e tantas outras questões proporcionam uma vivência da juventude com formas diversificadas. Com isso, não podemos imaginar uma visão abstrata e essencialista do que significa ser jovem.

Nesse sentido, não podemos tratar os jovens de forma homogeneizada. Se os jovens vivem a juventude de forma diferente a partir das condições que se impõem sobre sua realidade, não podemos tomar decisões ligadas ao espaço escolar sem antes levar em consideração estas questões. Entender sobre qual realidade estamos falando, pesquisar a condição do público que estamos trabalhando é um fator determinante para trabalhar com este público.

A Escola Estadual Regina Simões precisa se voltar para seu Projeto Político Pedagógico e rever onde pode alterar seu currículo para atender aos anseios e problemas vividos pelos seus estudantes. É necessário entender quais os problemas vivenciados pelos jovens de classes mais baixas; entender quais as dificuldades enfrentadas pelos jovens pretos e pardos para que possamos aproximar a realidade escolar da realidade do estudante.

Por fim, para fazer desta escola um espaço mais acolhedor e que atenda aos anseios dos nossos estudantes precisamos encontrar meios que favoreçam o diálogo entre os pares, o fortalecimento das amizades e a construção de novas relações. A realização da juventude se dá no espaço escolar e esta não pode ficar presa somente à formação científica. É preciso que a escola ofereça um processo formativo integral e, para isso, precisamos dialogar com todas as condições juvenis que se apresentam.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. Base nacional comum curricular. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso 27/11/2021.
- DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. Revista Brasileira de Educação. Set /Out /Nov /Dez 2003 nº 24.
- DAYRELL, J. CARRANO, P. MAIA, C. L. Juventude e ensino médio. Belo Horizonte: Editora Disponível em: <http://educacaointegral.org.br/wp-content/uploads/2015/01/livro-completo_juventude-e-ensino-medio_2014.pdf>. Acesso em 27/11/2021.

DAYRELL. J. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. *Educação e Sociedade*, Campinas, vol. 28, nº. 100 - Especial, p. 1105-1128, out. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v28n100/a2228100>>. Acesso em 27/11/2021.

SILVA, Adailton; SILVA, Josenilton; ROSA, Waldemir. Juventude negra e educação superior. In CASTRO, Jorge Abrahão de, AQUINO, Luseni Maria C. de, ANDRADE, Carla Coelho de (orgs). *Juventude e políticas sociais no Brasil*. Brasília: Ipea, 2009.